

Da boca do lixo à boca do luxo: o cosmopolitismo das prostitutas da Daspu¹

Cláudio Márcio do Carmo*

Eneida Maria de Souza**

Adriana Maria Cunha***

Denise Giarola Maia***

RESUMO:

Abordaremos, neste artigo, a expressão cultural das prostitutas da Daspu, com ênfase nas formas alternativas de ativismo político que visam à luta hegemônica. Conceitos como o “entre-lugar” e o “cosmopolitismo do pobre”, de Silviano Santiago (1978, 2008), e do “perspectivismo” de Viveiros de Castro (2007) são usados para esvaziar noções de alta e baixa cultura, afirmando iniciativas que partam do local, atingindo o global na desconstrução de pares opostos como pobres/ricos, centro/periferia.

Palavras-chave: Cosmopolitismo. Entre-lugar. Perspectivismo. Hegemonia. Daspu.

Introdução

Em 2005, a mídia nacional voltava seus holofotes para o surgimento de uma nova grife no cenário da moda brasileira, a Daspu, lançada pela ONG (Organização Não-Governamental) Davida, criada em 1992 no Rio de Janeiro, de defesa dos direitos das prostitutas, ambas coordenadas pela ex-prostituta Gabriela Leite².

Além da ousadia da proposta, parte do interesse da imprensa no empreendimento justifica-se pela ocasião do lançamento da grife. Ela é lançada no momento em que a boutique paulistana de luxo, Daslu, estava envolvida no escândalo de sonegação fiscal, descoberto pela Polícia Federal, numa grande operação denominada Operação Narciso³. A clara e irreverente alusão ao nome Daslu provocou reação da mesma, que ameaçou processar a grife de prostitutas, caso não desistissem daquele nome. Porém, imprensa e público posicionaram-se ao lado das prostitutas, em detrimento das sonegadas. A partir de então, inicia-se o momento de visibilidade da Daspu, culminando com sucessivas apresentações e aparições na mídia brasileira e internacional.

O presente trabalho vale-se do caso Daspu para propor uma reflexão crítica sobre a expressão cultural produzida pelas prostitutas da grife, com ênfase para os meios alternativos de circulação, estética e política, usados pelo grupo visando à defesa de sua causa, ou seja, o combate às inúmeras formas de preconceito e violência a que estão sujeitas. Para tanto, utilizaremos depoimentos contidos no livro *Daspu, a moda sem vergonha*, do jornalista e assessor de imprensa da Daspu, Flavio Lenz, analisados, sobretudo, sob o viés das reflexões acerca do “entre-lugar”, de Silviano Santiago (1978), bem como do seu *Cosmopolitismo do pobre* (2004) e do “perspectivismo antropofágico” do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2007).

O “entre-lugar” da prostituta cosmopolita

Quais são as fronteiras que separam hoje os inúmeros grupos desfavorecidos, marcados por relações assimétricas sociais, espalhados pelo globo? Quais são as fronteiras que demarcam suas culturas,

suas vivências e suas lutas? O que é “global” e o que é “local” para eles? Um termo, entretanto, pode representar um bom ponto de partida para reflexões que possam, não responder tais questões, mas abrir as possibilidades de aproximação e diálogo entre eles. O conceito de “entre-lugar”, de Silviano Santiago (1978), vale perpassar tais discussões, uma vez que ele nos remete a um espaço sem os dualismos tradicionais que confrontam superioridade e inferioridade, um espaço que é tanto local quanto global. É sob essa perspectiva que podemos pensá-lo como uma alternativa diante dos sistemas excludentes e homogêneos, ao propor reflexões e questionamentos que procuram promover construções político-sociais e econômicas contrárias à marginalização de povos, nações e/ou grupos desfavorecidos.

No caso das prostitutas, o preconceito que as acompanha foi, em dado momento histórico, construído socialmente. Há relatos de que, nas antigas civilizações, a figura da prostituta era considerada sagrada. No século XVI, a ação conjunta das igrejas católica e protestante usou da teologia para suprimir a prostituição, controlar os costumes e ditar valores morais (CECCARELLI, 2008)⁴. Desde então, inúmeras formas de violência e preconceito são praticados contra a prostituta. Um exemplo aconteceu no Brasil, em 2007, quando um grupo de jovens cariocas espancou a doméstica Sirley Dias de Carvalho Pinto e justificou-se afirmando que a tinham confundido com uma prostituta⁵. Com a justificativa, percebe-se o preconceito manifesto do grupo, já que se a doméstica fosse prostituta, a violência poderia servir como atenuante. Também em 2007, em Portugal, uma prostituta foi agredida e atirada de um carro em movimento⁶. No entanto, quais são as fronteiras culturais e econômicas que separam aqueles jovens, da doméstica e da prostituta? Onde é que se encontra a explicação para a prática da violência contra elas, contra o negro, o homossexual ou qualquer outro grupo historicamente marginalizado?

A diluição de fronteiras geográficas ou culturais, ainda que testemunhemos casos como os relatados acima, tem sido um fenômeno contemporâneo que permite o ir e vir de cidadãos de raças, credos e gêneros diferentes pelas mais diversas searas da humanidade. O que não pressupõe, contudo, questões de liberdade e igualdade entre eles. Muito ao contrário, talvez esse ir e vir é que acabe por evidenciar, ainda mais, as disparidades e desigualdades que ainda reinam entre nações e culturas diferentes. No entanto, essas diferenças estão cada vez mais em xeque, de modo que a “diferença”, aquela mesma proferida por Derrida (1991), necessita de um olhar mais atento e interessado em entendê-la para então desconstruí-la.

Nesse sentido, Santiago (2004) constrói o seu *Cosmopolitismo do pobre*, evidenciando nele um tipo de pobreza que gera uma nova forma de desigualdade social. O autor defende a ideia de um multiculturalismo atual, que corrija os erros de uma antiga forma de multiculturalismo – praticada por homens brancos europeus que objetivavam disciplinar e europeizar os colonizados – e seja capaz de englobar e respeitar as minorias que foram excluídas no processo anterior. O autor fala sobre a luta de marginalizados, usando como exemplo o caso de ONGs junto à sociedade civil.

A partir dessa alusão do autor, parece-nos pertinente referirmo-nos à ONG Davida, criada em 1992 com o objetivo de lutar contra o preconceito e a violência praticados contra as prostitutas. A ONG é a mesma que deu origem à grife Daspu, em 2005. No site da Organização, disponível em <<http://www.davida.org.br>>, lê-se entre seus objetivos: “reduzir as vulnerabilidades da categoria, especialmente nas áreas de direito legal, saúde e segurança; denunciar e enfrentar o estigma, o preconceito e a discriminação que atingem as profissionais do sexo”. A partir da divulgação da ONG através da internet, é possível observar que: “A feição supranacional que modela as ONGs torna-se passível de ser aclimatada na periferia econômica graças ao fato de que o país abandona os meios de comunicação clássicos (dos correios e telégrafos ao fax) e se adentra pelas cada vez mais baratas e velozes rodovias intercontinentais da Internet” (SANTIAGO, 2004, p. 59).

Entretanto, num universo de mais de 300 mil⁷ ONGs espalhadas pelo Brasil, nem todas conseguem a visibilidade necessária às suas causas. O que não foi o caso de Davida, após a empreitada de sucesso que levou à criação da marca Daspu. E foi Daspu a responsável por tornar a iniciativa das prostitutas da Praça Tiradentes, do Rio de Janeiro, uma iniciativa cosmopolita. Ora, se não o fosse, como é que uma “pobre” prostituta poderia desfilhar um vestido de noiva feito de lençóis de motéis e camisinhas enfeitando o véu durante a Bienal de Artes em São Paulo? A cena aconteceu em outubro de 2006, durante a 27^a Bienal, através de um convite feito pelo artista esloveno Tadej Pogacar, um pesquisador do trabalho informal que já havia trabalhado em parceria com organizações de prostitutas europeias (LENZ, 2008). Do mesmo modo, se tal iniciativa não fosse cosmopolita, como explicar o fato desse vestido de noiva, desfilado pela prostituta Jane Eloy, ter se tornado o símbolo da luta daquelas mulheres, sendo exposto em vários outros países? Ora, “no segundo semestre de 2008 [...], o vestido de noiva chega à exposição Trópicos, em Berlim. Ganhou vida própria, independente, viajando entre os países sem voltar ao Brasil. Não é visto por aqui desde fevereiro de 2007” (LENZ, 2008, p. 184).

Antes, em 2004, a coordenadora Gabriela Leite integrou uma comitiva do movimento internacional de luta contra Aids, numa reunião em Nova York. De acordo com Lenz (2008), ela foi a primeira prostituta da história a ser recebida no gabinete de um secretário-geral da ONU, à época Kofi Annan. O evento aconteceu na véspera do dia Internacional da Prostituta, 2 de junho, no momento em que a ONG Davida lançava no Rio de Janeiro o *site* da Rede Brasileira de Prostitutas.

As passagens acima nos remetem à afirmativa de George Yudice de que a cultura não é só uma mercadoria, mas um recurso para o desenvolvimento econômico integrado à constituição da cidadania (YUDICE, 2006). Assim, percebe-se que, através da cultura, é possível assumir posições políticas, como as prostitutas o fazem. Ou seja, através da moda elas conseguem um meio para levantar suas bandeiras, lutando pelos seus direitos e reconhecimento junto à sociedade e, mais que isso, buscando a desnaturalização do preconceito ao promoverem a abertura e a expressão de suas ideias e ideais, unindo-se às demais minorias na luta hegemônica. Afinal, como Foucault indicou, “o problema não é tanto o de definir uma ‘posição’ política (o que tem a ver com a escolha de uma série preexistente de possibilidades), mas o de imaginar e trazer à tona novas formas de politização” (FOUCAULT, 1980, p. 190).

A notável visibilidade adquirida pela “emergente” Daspu, entretanto, aconteceu muito em função do confronto estabelecido com a “hegemonia” da Daslu. Num momento em que os donos da multímarcas paulistana eram acusados pelos crimes de importação ilegal, fraude no fisco e formação de quadrilha, Daslu ameaçou Daspu com um processo, caso as prostitutas não alterassem o nome da grife, por denegrir a sua imagem.

Depois da repercussão na mídia e da opinião pública tomar partido das prostitutas, a hegemônica e milionária Daslu recuou em sua ameaça e se recolheu em seu sagrado templo do consumo, respondendo judicialmente pelos crimes cometidos. Na crônica “Daslu & Daspu”⁸, o escritor Affonso Romano de Sant’Anna faz uma interessante reflexão:

Mas me intriga também sob esse outro ponto de vista: a característica mais forte da cultura contemporânea é ter embaralhado as coisas. E quando me refiro à fusão ou superposição do conceito de centro e periferia, aí está incluída muita coisa. As noções de certo/errado, bem/mal, rico/pobre, belo/feio, bandido/mocinho, santa/puta, sagrado/profano, nacional/internacional, masculino/feminino, enfim, todos os pares opostos tradicionais foram abalados (SANT’ANNA, documento eletrônico).

As prostitutas também “embaralharam” as percepções da sociedade sobre suas identidades. Nas dezenas de desfiles promovidos pela Daspu, elas usavam de um recurso que se tornou emblemático na luta contra o preconceito: a mistura, no palco, de prostitutas e não prostitutas. Jane Eloy diz que “o interessante é misturar, confundir as pessoas. Assim acaba o preconceito” (LENZ, p. 151). A coordenadora Gabriela Leite afirma que “o preconceito foi virado pelo avesso. Quando minhas amigas putas desfilam lindas e altivas, sem vergonha de ser puta, estão falando por si mesmas e sendo políticas, extremamente políticas e revolucionárias. O caminho está aberto para a puta cidadã” (LENZ, p. 19).

É interessante também observar no confronto Daslu *versus* Daspu esta noção invertida, de que fala Sant’Anna, do bandido e do mocinho. Para Daslu, símbolo de poder e de globalização, pelo fato de trabalharem quase que exclusivamente com marcas de luxo importadas e seus clientes pertencerem ao mais alto nível social e econômico, seria impensável admitir que um grupo social marcado pelo estigma e pelo preconceito pudesse estar ligado à sua imagem, seja de que forma fosse. Do ponto de vista da Daslu, estava em jogo sua superioridade econômica contra a inferioridade do grupo de prostitutas. Mas, afinal, ela era uma vítima? Depois de ter o seu nome envolvido, e comprovado, no crime de sonegação fiscal com claro prejuízo para a sociedade, esta mesma sociedade negou-se a apoiá-la em seu confronto com a grife de prostitutas. O que Daslu conseguiu, certamente, foi ter o seu nome ainda mais denegrado após a ameaça às prostitutas, cujo único crime foi o de ter feito uma paródia em cima de um acontecimento, em nome da possibilidade de obter recursos financeiros para a sua causa. Além disso, o fato contribuiu para que a grife ganhasse ainda mais visibilidade na mídia nacional: “Poucos dias depois saiu a nota ‘Daslu X Daspu’ na coluna Gente Boa, do *Globo*, e foi um pandemônio. Toda a imprensa ficou do nosso lado”, conta Gabriela Leite (LENZ, 2008, p. 53).

A mídia, conforme Thompson (1995), exerce um papel importante na produção e na difusão de formas simbólicas ideológicas, como também ajuda a manter ou modificar práticas discursivas que sustentam posicionamentos hegemônicos, isto é, os privilégios e pontos de vista do grupo dominante. Desse modo, ao abrir espaço para divulgação do trabalho de grupos marginalizados e excluídos, como o fez no caso da Daspu, a mídia contribui para que diferentes grupos obtenham maior visibilidade, buscando a legitimação de seus discursos e ideologias.

Silviano Santiago usa o termo “virada cosmopolita” (SANTIAGO, 2004, p. 60) para exemplificar a reação de grupos tradicionalmente excluídos. Do mesmo modo, podemos considerar a iniciativa das prostitutas, ou seja, a fundação de sua própria ONG e a criação da grife Daspu, como uma “virada cosmopolita”. Vale frisar que essa “virada” das prostitutas da Daspu passou por diversos momentos em sua trajetória, o que pode ser verificado nos trechos a seguir: “Como as primeiras agências internacionais batiam à porta, marquei na Tiradentes com a Reuters, de texto e TV, e a World News Pictures, além da Folha. Seis prostitutas se cansaram de fazer caras e bocas, ainda de dia, para as câmeras” (LENZ, 2008, p. 58),

À menor presença na mídia nacional, acirrada no segundo semestre de 2007, contrapôs-se um interesse crescente da imprensa internacional, especialmente revistas de moda, comportamento ou *design*, como a inglesa *Marie Claire*, a espanhola *Magazine*, do diário *El Mundo*, as alemãs *Brigitte* e *Hekmag*, a canadense *Urbania*, a argentina *Barzón*, o tablóide diário de moda *WWD*, de Nova York, a grega *E*, e até o site japonês *asobist.com* (LENZ, 2008, p. 234).

Nessa direção, retomamos o pensamento de Silviano Santiago sobre a necessidade dos estados nacionais moldarem-se através de uma (re)configuração cosmopolita “que contemple tanto os seus novos moradores, quanto os seus velhos habitantes marginalizados pelo processo histórico”

(SANTIAGO, 2004, p. 60). Assim, “[...] a cultura nacional estaria ganhando uma nova reconfiguração que, por sua vez, levaria os atores culturais pobres a se manifestarem por uma atitude cosmopolita, até então inédita em termos de grupos carentes e marginalizados em países periféricos” (SANTIAGO, 2004, p. 60).

É esta atitude cosmopolita que pode, de fato, esvaziar os conceitos tradicionais de cidadania e “alta cultura” (EAGLETON, 2005), à medida que questiona a legitimidade de uma nação construída para atender prioritariamente a sua elite intelectual, política e empresarial.

Uma resposta antropofágica

Só a antropofagia nos une.
Oswald de Andrade

Como alternativa às questões que marcam o descompasso entre países hegemônicos e emergentes, assim como entre pobres e ricos, favorecidos e desfavorecidos, há que se refletir sobre o conceito utilizado pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2007): o “perspectivismo”, enquanto uma “retomada da antropofagia oswaldiana em novos termos” (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p. 129). Apesar do conceito ter sido desenvolvido para demonstrar o pensamento indígena, é possível ampliá-lo e aplicá-lo nos termos da sociedade como um todo. Se partirmos do preceito de que “o perspectivismo indígena não conhece um ponto de vista absoluto” (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p. 121), podemos perceber que esta dimensão perspectivista está aberta a demais pontos de vista. Em outras palavras: diferentes perspectivas levam a diferentes interpretações. Ora, reconhecer que existem outras visões de mundo, ou outras perspectivas, é o primeiro passo para a aceitação da diferença. Entretanto, é o próprio antropólogo quem reconhece a impossibilidade de se conceber o pensamento do outro, a não ser a partir do seu próprio pensamento. Nesse âmbito, Viveiros de Castro (2007) salienta como esse “pensar o outro” deve ser feito:

Um antropólogo ocidental não tem como pensar outro pensamento senão através de seu próprio, de sua própria tradição intelectual. Estas são as únicas ferramentas de que dispomos. Mas é essencial saber deformá-las, adaptá-las às novas tarefas. [...] Ser capaz de pôr os “nossos termos” em relações perigosas: expô-los, periclitá-los (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p. 121-122).

Assim, ter a capacidade de “pôr os nossos termos em relações perigosas” é condição básica para se pensar o outro. É este outro que ocupa lugar central no perspectivismo e que inverte a proposição cartesiana: “o outro existe, logo pensa” (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p. 117). É exatamente neste ponto que o pensamento do antropólogo converge para a antropofagia de Oswald de Andrade: “Só me interessa o que não é meu. Lei do Homem. Lei do Antropófago. Lei do Antropólogo” (2007, p. 118). Para o autor, o perspectivismo antropofágico, isto é, o ponto de vista que se alimenta do ponto de vista do outro, poderia funcionar como um instrumento de combate contra a sujeição cultural. Assim, seria possível vislumbrar o encontro dos diferentes, como: índios e não-índios, brancos e não-brancos, e assim por diante.

A relação entre antropologia e antropofagia poderia, então, construir um mundo onde pessoas, de credos, gêneros, nacionalidades e opções sexuais diferentes bebessem na fonte da diversidade do outro. Uma verdadeira antropofagia cultural capaz de diluir as fronteiras e descompassos entre centro e periferia, baixa e alta cultura, pobres e ricos, colonizados e colonizadores.

Haveria, assim, uma troca e um diálogo constantes que, ao diluir as fronteiras, permitiriam ampliar os horizontes da humanidade. É com vistas a essa possibilidade que hoje trabalha a responsável pelo setor de exportação da Daspu, uma cooperadora alemã da ONG Davida, chamada Friederike Strack: “Sempre internacional, Freddy sonha agora com a coleção Daspu no Mundo, que pode integrar prostitutas de outros países, tornar-se um espelho que reflete muitas culturas” (LENZ, 2008, p. 236).

Os homens são espelhos de si mesmos não só no caso específico das prostitutas. Suas grandes questões existenciais, suas angústias e aspirações não mudam tanto assim de cultura para cultura, pois há um denominador comum universal que nos une e nos torna semelhantes em nossas diferenças. Esse denominador comum pode ser comparado à metáfora do compasso utilizada por Viveiros de Castro para falar do pensamento indígena. Segundo essa metáfora, a haste fixa representaria a cultura, já que só existe uma “cultura” (humana), e a haste móvel seriam “os corpos que incorporam essa cultura, que dão a essa cultura expressões diferenciadas” (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p. 109). Assim, o denominador comum poderia ser comparado ao ponto de convergência das duas hastes, onde tudo se encontra, onde tudo é fixo e móvel.

Um denominador comum, um ponto onde tudo é fixo e móvel. Um entre-lugar? Viveiros de Castro, com seu perspectivismo e Silviano Santiago (1978), com seu entre-lugar, talvez estejam falando sobre a mesma questão, guardadas as devidas “diferenças” derridianas. Em seus textos, constroem ambos uma teoria da desconstrução propondo, cada um a seu modo, uma resposta para o descompasso entre “os pares opostos tradicionais” dos quais fazia referência Sant’Anna.

Conclusão

A criação de espaços de interlocução e intercâmbios, de trocas e reflexões que partam das realidades locais e atinjam as globais, são os caminhos pelos quais deve percorrer a nova fase do cosmopolitismo. Esses espaços trarão consigo uma resposta contra-hegemônica que levará a novas formas da prática da globalização, interconectando povos e nações capazes não somente de aceitar as diferenças, mas, sobretudo, de aprender com elas.

Assim, as mulheres da Daspu unem-se às demais vozes de minorias excluídas, fortalecendo sua luta, ajudando na criação de um espaço em que essas vozes possam ser ouvidas e incorporadas nas agendas políticas nacionais. Buscando legitimar essa voz, nas eleições de 2010, Gabriela Leite pleiteou uma vaga no Congresso Federal. Ela se lançou com o slogan “uma puta candidata” e obteve 1.229 votos, num universo de 11,6 milhões de eleitores só no estado do Rio de Janeiro⁹. Talvez o baixo número de adesões nas urnas à causa das prostitutas sinalize o quanto elas ainda precisarão defender, o que constitui a mesma ambição das demais minorias excluídas: conquistar o direito à cidadania, combatendo o preconceito e os inúmeros tipos de violência a que estão sujeitas.

O entre-lugar talvez seja a melhor posição para as “viradas cosmopolitas” – como a que foi tratada ao longo deste artigo sobre a Daspu –, uma vez que é nesse espaço de aceitação das diferenças que a prática multicultural se exerce de forma equilibrada e enriquecedora, promovendo uma visão perspectivista antropofágica. Longe de ser uma simples abstração, o entre-lugar é a posição de onde é possível vislumbrar novas construções e formas de pertencimento, nas quais conceitos como cidadania e alta cultura não encontram mais os ecos da lógica elitista e excludente da qual se originaram. O lugar por excelência da visão perspectivista é aquele capaz de conceber novas formas de se pensar o social e o histórico, o eu e o outro.

Enquanto os homens, animais da mesma espécie humana, criarem fronteiras, abismos e distanciamentos entre si mesmos, o dia da aceitação das diferenças não chegará. Enquanto estivermos

hipnotizados pelas hastes do compasso, vendo-as se moverem infinitamente através de um mesmo eixo, cegos pelas questões relacionadas às diversidades sociais e culturais, estaremos impedidos de olhar para o alto. Por outro lado, se erguermos nossa visão, enxergaremos, finalmente, o ponto onde as duas hastes se encontram. O denominador comum da dialética humana.

From the sleazy area to the luxury: the cosmopolitanism of the prostitutes of Daspu

ABSTRACT:

We will discuss, in this article, the cultural expression of the Daspu's prostitutes, with emphasis on alternative forms of political activism aiming at the hegemonic struggle. Concepts such as "between-place" and "cosmopolitanism", by Silviano Santiago (1978, 2008), and "perspectivism", by Viveiros de Castro (2007), are used to empty notions of high and low culture, affirming initiatives that depart from the local to reach the global in the deconstruction of opposing pairs such as poor/rich, center/periphery.

Keywords: Cosmopolitanism. Between-place. Perspectivism. Hegemony. Daspu.

Notas explicativas

- * Professor do Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Crítica da Cultura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de São João Del-Rei, UFSJ.
- ** Professora Visitante Sênior da UFSJ, Professora Emérita da UFMG, CNPq 1A.
- *** Mestrandas no PPG em Teoria Literária e Crítica de Cultura, UFSJ.
- ¹ Este texto forma parte da monografia – trabalho final da disciplina Teorias Críticas da Cultura do Programa de Pós-graduação, Mestrado em Letras (PROMEL) da Universidade Federal de São João Del-Rei, UFRJ.
- ² Gabriela Leite entrou para a prostituição nos anos 70, aos 22 anos. No final desta mesma década, ajudou a organizar uma passeata em São Paulo para denunciar a morte de uma prostituta e de dois travestis. Em 1987 organizou o Primeiro Encontro Nacional de Prostitutas que resultou na criação da Rede Brasileira de Prostitutas. Em 2010, candidatou-se a deputada federal pelo Partido Verde (PV).
- ³ De acordo com matéria publicada no site da Justiça Federal de São Paulo: <<http://www.jfsp.jus.br/20090326-daslu/>>. Acesso em: 14 abr. 2011.
- ⁴ Artigo "Prostituição – corpo como mercadoria", do Psicanalista Paulo Roberto Ceccarelli, disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/prostituicao.htm>>. Acesso em: 12 mai. 2011.
- ⁵ Matéria jornalística disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2007/06/24/296493925.asp>>. Acesso em: 12 mai. 2011.
- ⁶ Matéria jornalística disponível em: <<http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/nacional/portugal/prostituta-atirada-de-carro-em-andamento>>. Acesso em: 12 mai. 2011.
- ⁷ De acordo com a Abong (Associação Brasileira das Organizações não-governamentais). <<http://www.abong.org.br>>. Acesso em: 18 jan. 2011.
- ⁸ A crônica encontra-se disponível em <<http://umacoisaeoutra.com.br/cultura/Affonso4.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2011.
- ⁹ Números registrados no Tribunal Superior Eleitoral no site: <<http://www.tse.gov.br>>. Acesso em: 28 dez. 2010.

Referências

- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 1991. 129p.
- EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. Trad. Sandra Castello Branco São Paulo: UNESP, 2005. 204p.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. M. T. da Costa Albuquerque, J.A. Guilhaon Albuquerque. 3 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

LENZ, Flavio. *Daspu, a moda sem vergonha*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008. 261p.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. 252p.

_____. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 11-28. 212p.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995. 427p.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O perspectivismo é a retomada da antropofagia em outros termos. In: SZTUTMAN, Renato. (Org.) *Eduardo Viveiros de Castro*. Rio de Janeiro: Azougue, 2007, p.113-129. 288p.

YUDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Trad. Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 615p.

Recebido em: 31 de maio de 2011
Aprovado em: 16 de setembro de 2011